

José Guilherme Merquior, em sua obra "A Astúcia da Mimese", adota uma posição de equilíbrio no que concerne à interpretação do poético. Recusando tanto o isolacionismo da arte pela arte como as teorias que colocam o poético a serviço do social, do histórico, Merquior afirma ser a lírica, ou poesia, o tipo de mensagem lingüística "em que a carne das palavras é tão importante quanto o seu sentido". (In: — "A Astúcia da Mimese", p. 3)

Nos vários ensaios críticos que fazem parte do volume, o Autor manter-se-á fiel a seu princípio: é a partir da forma, como estrutura específica de um poema, que chegará ao conteúdo, ao significado.

Mas, qual a natureza da lírica? Para Aristóteles, arte é mimese. Merquior acrescenta: lírica é a forma de imitação que visa a reproduzir estados de ânimo (cf. op. cit. p. 6). Adotando o conceito de mimese, fica reforçada a idéia de que a poesia deve obedecer, não às leis que regem o real, mas às leis que regulam o imaginário.

Merquior desenvolve as considerações de Aristóteles, assinalando no poema uma mimese interna, no plano da linguagem, e uma interiorização, no plano psicológico. Baseado nas diferenças entre os gêneros, conclui ser o poema uma mensagem verbal regida "pela projeção do princípio de equivalência no plano da seleção das palavras para o plano de sua seqüência na frase" (op. cit. p. 12). Quanto à finalidade, ela é uma característica comum aos gêneros literários: consiste no conhecimento de situações revestidas de um permanente interesse humano (op. cit. p. 12).

A imitação poética serve-se do particular, do concreto, para atingir ao universal. Como é possível a transposição de origem aristotélica? Ela acontece devido ao que Merquior designa de astúcia da mimese. Dispondo habilmente as palavras, o poeta cria uma imagem do mundo. A idéia de que o artista é "rival e não copista do cosmos; o poeta limita a natureza naturans..." (op. cit. p. 92), vem ao encontro da teoria de Mikael Dufrenne: a luta traz em si a integração, aí está uma forma de inserir-se no mundo.

Segundo o Autor, o conceito de mimese adapta-se à idéia de uma superação da metafísica. Não crendo numa identificação entre arte e Espírito Absoluto, ele defende, um tanto intransigentemente, uma poesia passível de refletir tudo, sem se basear em idéias apriorísticas.

Discorda das teorias não-miméticas que vêem a lírica como uma atividade intelectual ou como um dom sagrado. A noção de construção consciente predomina sobre a de inspiração. Ao longo de sua obra, transparece um profundo respeito pela estrutura da obra de arte: Merquior advoga a autonomia da lírica frente à realidade externa. Não é o con-

teúdo, produto de uma mimese cultural (cf. op. cit. p. 16) que determina a originalidade de um poema, mas a sua mimese interna.

No seu ensaio sobre Rilke, valoriza a poesia filosófica: com o declínio da visão substancialista, a poesia tornou-se uma interpretação do Ser. Condenando os que excluem da obra lírica o concurso do intelecto, vê a poesia como um refletir — autônomo — acerca de nós mesmos e de nossa condição.

A lírica se reveste de uma transitoriedade: é como se o poema revivesse o instante das origens da linguagem, quando as coisas adquiriram um sentido (op. cit. p. 33). Esta transitoriedade, noção que o Autor desenvolve em várias direções, faz a universalidade da obra lírica.

Quanto à crítica, deve levar em conta o histórico, o novo (o concreto se opõe ao de histórico), ou seja, o presente do poema. Duas características assinalam uma crítica comprometida com o histórico: a fidelidade ao texto e a abertura que provém de uma leitura sempre diferente. Aqui encontramos a dialética semiológica que aparece nos estudos sobre a mensagem estética de Umberto Eco.

Merquior atribui à lírica um papel globalizante no seio da experiência humana: ela surge como interpretação ontológica, resultante de participação no mundo e vida interior. Como tal, é reflexão, é caminho para a Verdade, não no sentido de que a verdade seja algo fixo, mas sim algo dinâmico, uma abertura diante do Ser... O Autor postula, pois, uma poética da autenticidade (op. cit. p. 149).

O tempo é colocado como uma dialética entre destruição e revelação (criação). Talvez pudéssemos falar aí de um tempo objetivo, que independe de nós e segue sua marcha implacável, e de um tempo subjetivo, que vibra segundo nossas próprias vibrações.

No ensaio sobre João Cabral de Melo Neto, Merquior desenvolve a noção de carência, de fome, que leva o homem ao encontro do exterior. Fome e lucidez relacionam-se (op. cit. p. 149-150). O homem vai-se formando, rumo ao desocultamento do Ser. Neste processo, imanente, a poesia se reveste de essencial importância: não se dirigindo para as aparências, ela revela ao homem o Ser, que lhe escapa. Daí, a grande dignidade da lírica.

Longe de uma arte preconceituosa, o Autor entende, portanto, a poesia como uma forma particular de reflexão ontológica. O social-humano sobrepõe o sociológico, o documental (op. cit. p. 185). Este princípio humanista faz com que repudie o formalismo, seja das correntes acadêmicas, seja da vanguarda.

A verdadeira poesia social corresponde a uma "crítica da vida" (op. cit. p. 189). A poesia, como visão pessoal do mundo, fruto amadurecido

da experiência, circunscreve-se no reino das imagens, e não dos fatos reais. Reflexo do contexto cultural, ela pode ser uma fonte de denúncia, mas não é esta sua razão de ser. A condição para que um poema seja válido reside na sua autenticidade.

Merquior aponta os perigos de uma abordagem estruturalista que não leve em conta a interação lírica-cultural. Concorda com a "reaproximação do texto" (op. cit. p. 211). Entretanto, a arte corresponde a um monumento que não prescinde do auxílio de documentos (cf. op. cit. p. 214).

O Autor serve-se, inelutavelmente, da lingüística para mostrar que ela é insuficiente quando se trata de uma interpretação poética. A conotação, própria da poesia, é menos universal que a denotação: apresenta-se tão instável quanto a cultura. Como esquecer, então, as vinculações culturais de uma obra de arte?

Conforme procuramos expor, "A Astúcia da Mimese" é uma obra onde desponta uma visão essencialmente humanista, cônica da dignidade da poesia. O Autor, filósofo, vale-se sobretudo de Aristóteles e de Hegel para erigir a sua teoria, em que uma primeira dialética se estabelece entre forma e conteúdo. Coerentemente, Merquior procura situar-se equidistante dos extremos: está antes de tudo inclinado a mostrar que poesia não é entretenimento nem fonte de instrução moral, mas uma voz que, provindo das profundezas do homem, reflete todas as nuances da alma humana.

Em sua conclusão, o Autor insiste nas implicações sociais e humanas da lírica; ele começara a obra dizendo que, se a poesia se desenvolve num terreno de autonomia, ela inexistente fora das interpretações.

Em suma, em que consiste o fenômeno poético para Merquior?

Ele consiste em um processo de construção consciente; situa-se, como para Aristóteles, ao nível de um fazer. A imaginação ajuda a transformar em imagens as vivências do poeta. A poesia constitui uma interpretação ontológica: Estética e Ontologia unem-se, assim, estreitamente.

O fenômeno poético, que se produz na autonomia, dependendo da subjetividade do poeta, só se realiza de fato ao entrar em contato com o leitor. A poesia é, portanto, um veículo de comunicação.

Parece-nos que, situando o poético como mimese, e dando um valor especial ao aspecto de elaboração artística, Merquior revela uma visão bastante realista do fenômeno poético.

#### BIBLIOGRAFIA

1. ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro, Tecnoprint S. A., [s. d.].
2. CHATELET, François et alii. *História da Filosofia — idéias, doutrinas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974, v. 10.
3. MERQUIOR, José Guilherme. *A Astúcia da Mimese*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972.

Maria Beatriz Mecking Caringí

MERQUIOR, José Guilherme. *Formalismo e tradição moderna: o problema da arte na crise da cultura*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

*Formalismo e tradição moderna*, um livro de 332 páginas, documentadas com recente e atualizada bibliografia, revela a visão abrangente do autor e seu agudo espírito crítico.

Embora tenha sido professor de Letras, e dos mais conceituados do quadro da Universidade de Brasília, seu livro não reflete qualquer atitude professoral. Ao contrário, José Guilherme Merquior mostra-se sempre o crítico atento à evolução (ou involução?) da cultura na sociedade do mundo ocidental.

O livro, composto de treze ensaios, divide-se em cinco partes:

- 1.<sup>a</sup> **A arte e a alienação na sociedade de massa**. AI, num longo artigo intitulado "Kitsch e Antikitsch", procura José Guilherme Merquior combinar a sociologia da arte com a problemática da estética, analisando o kitsch desde o seu nascimento, fruto da sociedade industrial, sua aceitação, seus objetivos, manifestações e representantes, até as feições e disfarces assumidos nos nossos dias.
  - 2.1. Erato e Clío: lírica e história no ocidente moderno.
  - 2.2. Fragmento de história da lírica moderna (de Goethe a Laforgue).
  - 2.3. A estética do modernismo do ponto de vista da história da cultura.
  - 2.4. O dia em que nasci Moura e Pereça.
- 3.<sup>a</sup> **Metodologia história na crítica literária**, formada de três artigos:
  - 3.1. O problema da semiologia da literatura.
  - 3.2. Do signo ao sintoma.
  - 3.3. Para o sesquicentenário de Matthew Arnold.
- 4.<sup>a</sup> **Problemas da História da Estética e da Teoria da Literatura**, constituída de dois artigos:
  - 4.1. Formalismo e neo-romantismo.
  - 4.2. A estética semiológica.
- 5.<sup>a</sup> **Arte e cultura na História da(s) Arte(s)**:
  - 5.1. O problema da interpretação estética da pintura clássica (um desafio para o método formalista).

- 5.2. Sentido e problema do pop-pop e hiper-realismo.  
5.3. Problemática do teatro contemporâneo: de Artaud a Grotowski.

Em todos os artigos, José Guilherme Merquior tem um discurso pronto. É inegável seu poder de argumentação e segurança ao expor seus pontos de vista, percorrendo o problema a analisar desde suas origens, passando por todas as fases sem esquecer nenhuma até chegar ao momento presente. Os discursos foram pensados e ressoam firmes, com o fervor das convicções alicerçadas.

Dois teses ressaltam neste livro:

1. A arte contemporânea hermética, fechada, "difícil", constitui uma reação dos intelectuais à facilidade das mensagens de massa, espetáculos de mau gosto, comerciais, fingindo portar valores sublimes.

Verdadeira expressão da cultura de massa, jamais se confunde com a arte erudita, mesmo quando assume sua fisionomia. A arte de massa já surge consumida. Sua forma específica de atuação é a **reação controlada**: sua especificidade consiste em digerir previamente a arte para o consumidor. Tem por função a distração — acessível, coletiva, "fácil".

Essa reação controlada, pode-se perceber logo, é o inverso da real percepção estética, que se destaca pela capacidade de vivenciar dificuldades, pela contemplação desinteressada, pelo prazer do perceber errante, livre de toda a urgência prática.

Os verdadeiros criadores não se deixam dominar pelo gosto (que não é gosto) da massa e mantém a invenção artística obediente aos padrões de exigência intelectual e depuração sensível. Daí o seu aparente hermetismo e dificuldade, fruto da certeza de que arte é liberdade — lúdica e lúcida — em tudo contrária ao automatismo da alienação.

2. O segundo ponto a destacar é a sua posição em relação à crítica literária. Repassando a crítica literária de Platão aos formalistas e estruturalistas, discute e critica suas teses, salientando, sempre, que literatura é produto cultural e por isso não pode, jamais, ser destacada do contexto em que nasceu. Todo estudo de literatura deve ir do texto singular à história e vice-versa e passar por um segundo movimento, anterior ao primeiro: "o movimento que leva do texto singular às obras do mesmo estilo, do mesmo gênero, da mesma época, e, finalmente, ao conjunto da tradição literária implicada pelo texto em exame". Assim, um texto deve ser sempre colocado, simultaneamente, em seu contexto intratextual e em seu quadro cultural, e o estudo lingüístico da mensagem estética deve ser conduzido principalmente contra o fundo do seu registro lingüístico particular.

Ao pensarmos seriamente nesta tese, não podemos nos esquivar de levantar uma questão: os métodos que restringem o estudo dos textos literários ao texto singular apenas não serão instrumentos de um regime repressivo, a quem não convém descobrir o mundo ao homem? Não será por isso que esses métodos vingaram tanto em países de regime de força?

**Formalismo e Tradição Moderna**, livro rico e denso, não pode deixar de ser lido por todos os que se interessam pela cultura e, por extensão, por seu próprio estar-no-mundo.

Dad Abi Chahine Squarisi

— 4 —

CLEMENTE, Elvo. **A palavra**. Petrópolis — RJ, Vozes, 1978.

Todas as crônicas deste livro giram em torno da PALAVRA. Não da palavra cheia de sua própria estrutura, simples representação de si mesma, forma "visível" mas reduzida no seu valor de léxis vazia, e literatizada. O autor dessas crônicas está preocupado é com a Palavra (com P maiúsculo), com aquela entidade que se quer transparente e essencial, mental e verbalmente fundada no logos e cujo destino é, acima de tudo, reanimar no homem a faculdade de se medir interiormente e discutir com o seu próximo o sentido discutível do universo.

O nosso Ir. ELVO CLEMENTE, professor de literatura na PUC do Rio Grande do Sul e homem de inestimáveis serviços prestados à cultura brasileira, não esconde a sua preocupação: restabelecer o primado do Homem sobre o seu instrumento de comunicação, reintegrar a linguagem no seu valor simbólico: o fio de barba, a palavra empenhada. Para isso, é preciso chamar a atenção sobre a beleza e, ao mesmo tempo, sobre a moderna ditadura da linguagem. É bela, mas tirana. Encanta, mas subordina. O seu lado comum, que é, também, o seu lado artístico e criador, se vê ameaçado pelo seu lado científico, sobretudo quando inabilmente manipulado. Daí o "terror terminológico", forma de alienação e de massificação em cujo torvelinho a palavra perde o seu valor e o homem acaba mesmo não falando nada, porquanto será sempre "falado" pelos outros, pelo seu ambiente, pelas ideologias, quando não pelos vários sistemas semióticos (semióticos?) que o pressionam, e confundem.

O livro do Ir. Elvo é a afirmação de como a palavra é mesmo aquele ser essencial à comunicação e à convivência, no mais límpido, no mais humano, no mais religioso, sentido das relações do homem consigo mesmo, com o seu semelhante e com Deus. O cronista (e, às vezes, o poe-

ta) tem consciência disso, é o seu apostolado jornalístico. Por isso escreve: "Compartilhamos da festa da palavra, entramos na competição, com a palavra do outro. Iniciamos o diálogo que até aí fora mais um ouvir, até chegar ao escutar". Ele está seguro, pela vivência e pela Fé, de que "A palavra nos representa, nos substitui, nos empenha e compromete, conosco mesmo, com o outro, com a sociedade e com Deus". A partir dessa premissa, a Palavra do Ir. Elvo Clemente vai-se compondo, como num calidoscópio, em torno dos conteúdos de mãe, amor, criança, professor, esperança, ancião, discrição, poesia, pequenos gestos e silêncio, formando uma espécie de rosácea, em cujo centro o discurso assume a sua total transparência, mas, curiosamente, sem deixar de se mostrar como discurso literário e, sobretudo, sem ocultar o sentido maior que nos é dado perceber: a rosácea encima um templo — não o da Lingüística, mas o templo de Deus.

Assim, na linha cristã que norteia a publicação da Editora Vozes, este livro vale como uma afirmação de que, para além da "doença terminológica" de que fala Roman Jakobson, e para além da "moléstia verbal", com que Max Müller tentou explicar o nome dos deuses, a Palavra continua fundamental para que o homem tome consciência de si e possa realizar a segunda criação do universo, que é a criação pela linguagem. E aí a palavra terá sempre o seu lugar.

**Gilberto Mendonça Teles**

**epecê**  
gráfica

Av. Bento Gonçalves, 4080

Telefones: 23.80.84 e 23.80.98

CEP 90.000 — PORTO ALEGRE — RS — BRASIL